



**DADOS DE ÁFRICA (S)**

# **EDITORIAL - DADOS DE ÁFRICA(S)**

---

ISSN: 2675-7699

Vol. 01 | Nº. 01 | Ano 2020

## **COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO**

**Euclides V. Silva Afonso  
Ineildes Calheiro dos Santos  
Ivaldo Marciano de F. Lima  
José Fernando de Matos**

### **Site/Contato**

#### **Editores**

Cynthia Nolácio de Almeida Maia  
[cinthianolacio@yahoo.com.br](mailto:cinthianolacio@yahoo.com.br)

Rita de Cássia Nascimento dos Santos  
[rita.tic@gmail.com](mailto:rita.tic@gmail.com)

## **DADOS DE ÁFRICA (S): UMA BOA NOVA PARA OS ESTUDANTES QUE PESQUISAM TEMAS ALUSIVOS AOS ESTUDOS AFRICANOS E HISTÓRIA DA ÁFRICA!**

As histórias do continente africano e seus desdobramentos, quase sempre, foram olvidadas pela historiografia, particularmente a brasileira, ou foram (e muitas vezes, ainda são) visibilizadas de forma essencializada, exotizante e estereotipada, sendo que, mesmo com a institucionalização da obrigatoriedade do estudo da África, por meio da implementação da Lei 10.639/2003, ainda há confusões conceituais, generalizações equivocadas e naturalizações em torno do estudo do continente. Essa realidade impõe a necessidade de realização, aprofundamento e visibilidade de mais estudos que considerem as pluralidades, dinâmicas, historicidades e o protagonismo da África e dos seus muitos povos.

Nesse sentido, a Revista Dados de África, traz, numa perspectiva interdisciplinar, estudos, reflexões e resultados de pesquisas sobre diferentes questões relativas a África, bem como, seus desdobramentos no Brasil, objetivando contribuir para conformação de novos olhares e de um maior conhecimento sobre esse continente tão plural. Objetiva, ainda, contribuir com a desconstrução de representações essencializadas e estereotipadas sobre ele. O presente número traz belos textos que exploram temas que contemplam diferentes espaços e contextos da África, como Moçambique, Angola, Congo (Kuba) e Ruanda, possibilitando ao leitor oportunidade para o aprofundamento do conhecimento sobre especificidades econômicas, políticas, culturais, geográficas desses países. Traz também artigos que desenvolvem importantes discussões sobre representações da África no Brasil, objetivando desconstruir estereótipos e essencializações.

O primeiro artigo, intitulado “ **O mineiro e a prostituta na obra de Sergio Zimba e sua relação com a representação destas figuras na literatura moçambicana**”, de autoria de Arsênio Levi H. M. Matavele, traz uma rica discussão sobre questões da literatura moçambicana, a partir de uma análise comparativa de representações de alguns personagens de obras de autores moçambicanos, ressaltando suas aproximações e distanciamentos. As análises encetadas pelo autor são importantes para o melhor entendimento das relações entre artes e outras dimensões como a literatura, bem como a visibilidade do país.

O segundo artigo intitulado “**O processo de paz em Angola como ponto de viragem para a reconciliação nacional: caminhos e perspectivas**” produzido por José Fernando de Matos, traz uma excelente abordagem sobre o processo de construção de paz em Angola, problematizando tal conceito para os povos angolanos e ressaltando os desafios e problemas que ainda se configuram em barreiras para uma efetiva paz para esse povo.

Também tomando a Angola como objeto de estudo, o artigo intitulado **“Política econômica de Angola: uma análise às transformações observadas na economia angolana no tempo da guerra ao tempo da paz”** de Wilton Pedro Serrote, procura discutir transições no âmbito econômico vivenciadas na Angola a partir da independência do país, em 1975. O autor, por meio de um cuidadoso estudo bibliográfico, procura destacar as implicações político-sociais geradas pelas transformações econômicas em diferentes momentos do país.

Outro belo artigo é o intitulado **“Kuba, cultura, arte e história”**, de Euclides V. Silva Afonso, que trata de aspectos históricos, culturais e artísticos do Reino de Kuba, Reino formado por várias comunidades étnicas, que se desenvolveram na atual região da República Democrática do Congo, entre os séculos XV e XVI, chegando a ter uma população de cerca de 150.000 habitantes, com uma sólida estruturação política-administrativa e uma robusta organização econômica baseada na produção têxtil. O artigo é bastante importante para contribuir com o rompimento do ostracismo a que foram relegadas as histórias do continente africanos, sobretudo antes do século XVI.

O quinto texto, da autora Thaise Alves da Silva, intitulado **“ O país das mil colinas: o que levou Ruanda ao episódio de 1994?”** faz uma rica reflexão sobre a colonização de Ruanda, analisando aspectos históricos importantes para o entendimento da eclosão da guerra civil de 1994 e para o questionamento de que o evento no país tenha sido uma guerra étnica, civil ou um genocídio.

Dando sequência ao volume há excelentes artigos que tratam da questão das representações da África em diferentes contextos brasileiros, como a discussão encetada por Cristiane Andrade Santos, no trabalho **“ O Jaré nas mídias: representações de África (s) e estereótipos”** onde a autora apresenta o Jaré, religião de terreiro existente na Chapada Diamantina e analisa os discursos reproduzidos pela mídia sobre a mesma, permeados por essencializações e estereótipos. Tais discussões são importantes para problematizar o conceito “matriz africana” muitas vezes utilizado equivocadamente para definir as religiões de terreiro, invisibilizando as diversas contribuições e heranças culturais das quais essas religiões são tributárias e que necessariamente não são eivadas de uma “cosmovisão africanas”. Eis uma boa opção para aqueles e aquelas que desejam conhecer melhor questões relativas as religiões praticadas em terreiros.

Nessa mesma direção, Jussara de Oliveira, no trabalho intitulado **“Entre textos e imagens: a África representada nos livros didáticos de História”** faz, a partir de análises de textos e imagens (ditas e não ditas) de livros didáticos adotados pela rede estadual de ensino no município de Santaluz, no interior da Bahia, tece reflexões sobre representações da África e seus

povos que ainda são envoltas em homogeneizações e ideias exotizantes e negativas. Certamente o leitor verá nesse trabalho uma boa oportunidade para avaliar e/ou reavaliar as narrativas sobre África presentes nesses materiais, além de pensar nos cuidados com a utilização do livro didático, entendendo-o como um artefato cultural, recortado por interesses, relações de poder, ideologias, bem como, refletir sobre seu poder de legitimar verdades por ser um dos poucos materiais didático-pedagógicos que os estudantes têm acesso.

Nessa mesma direção, a autora Brisa Santana Pires, no artigo “ **O que se lê, os modos como são lidos e o que de fato existe: os descompassos entre as representações existentes nos livros didáticos de História, nas escolas da rede municipal de Camacã**” tomando como *locus* de estudo escolas do município de Camacã, no sul da Bahia, também discute representações sobre história e cultura da África e dos indígenas presentes nos livros didáticos adotados pelas instituições. Brisa ressalta que tais representações são discrepantes e não contemplam as dinâmicas e pluralidades dos povos africanos e dos povos originários e que, embora os livros sejam importantes no processo de ensino-aprendizagem os docentes precisam ter mais autonomia em relação ao seu uso, buscando outras fontes didático-pedagógicas. O leitor terá outra boa opção para repensar nos cuidados na utilização dos livros didáticos e no ensino de História africana e “afro-brasileira”.

Outro belíssimo trabalho que também discute representações identitárias africanas é o intitulado “**Queer nas fronteiras e representações não-ocidentais: queer-africanx, QQC/ of colour, queer-latinx-americanx**”, nele a autora Ineildes Calheiro, utilizando o método de revisão de literatura e o comparativo, fundamentado em teorias queer-africanx e latino-americanx desenvolve um complexo e rico debate sobre as sexualidades queer of colour (QQC) e não ocidentais, reflete sobre a tradição/modernidade no contexto do gênero e sexualidades, questionando o feminismo e enfatizando a questão dos corpos como dispositivos políticos de poder, fuga e resistência. Certamente esse texto é uma excelente opção para o aprofundamento de questões identitárias, especialmente no que tange às identidades raciais e questões de gênero e sexualidade.

No artigo intitulado “ **Ilha de Maré está para os quilombolas, assim com a África está para os Afro-brasileiros: representações e discursos a partir das Escolas Quilombolas e “Dita” Quilombola da rede municipal de Salvador**” a autora Noliene Silva de Oliveira desenvolve uma rica análise sobre as representações em torno do imaginário da identidade quilombola construído sobre a comunidade da Ilha de Maré, localizada em Salvador-Bahia, problematizando pontos relevantes sobre o conceito de “quilombola” envolto, muitas vezes, em ideias e discursos superficiais, enviesados e estereotipados, tomando como base a ideia de que

“quilombolas, negros e africanos” correspondem a uma única realidade. O texto de Noliene é outra oportunidade para se reavaliar e repensar em como questões relacionadas às histórias africanas e afro-brasileiras, especialmente as que tratam das identidades quilombolas, têm sido tratadas pela educação escolar no Brasil.

Fechando o volume e também refletindo sobre questões alusivas às identidades, memórias e histórias quilombolas, Ana Cláudia do Carmo Cedraz, no texto **“Trabalhar, festejar e crer: histórias e memórias do fazer e do viver de homens e mulheres na comunidade quilombola do Maracujá, Conceição do Coité-Ba”** por meio da história oral faz um belíssimo registro das memórias de moradores da comunidade quilombola do Maracujá ressaltando as trajetórias, lutas, modos de viver e de fazer desses sujeitos. Esse artigo é dotado de grande importância por contribuir com a visibilidade das comunidades quilombolas que ainda demandam a criação e efetivação de mais políticas públicas por parte do Estado brasileiro, além de contribuir com o fortalecimento da história oral como uma potente ferramenta metodológica para a pesquisa.

Enfim, o desejo é que esse número possa ser apreciado, debatido, criticado e que o leitor e a leitora se sintam felizes e satisfeitos com os artigos aqui apresentados. A todos e todas, o desejo é que tenham uma excelente leitura!

**Os editores.**